

4 Considerações Finais

A história do currículo do curso de graduação em Ciências Econômicas no Brasil revela que o mesmo passou por uma série de modificações que, além de acompanharem o desenvolvimento econômico do País e a evolução da própria ciência econômica, refletem os interesses de grupos específicos, que procuraram estruturá-lo de modo que ele concorresse para a formação de um determinado perfil de profissional.

De modo geral, as discussões sobre o perfil do economista a ser preparado pelos cursos de graduação se orientam em dois sentidos opostos, mas não necessariamente excludentes: 1) uma formação mais voltada para os aspectos teóricos e científicos da ciência econômica; e 2) uma formação que priorize aspectos práticos relativos à atuação no mercado de trabalho.

A partir dessa aparente dicotomia foi elaborada a presente pesquisa, pois atualmente encontra-se em debate a permanência no currículo dos cursos de graduação a disciplina Monografia – considerada um componente importante para a formação teórica e desenvolvimento da capacidade crítica do economista - ou sua substituição por um Estágio Obrigatório, que colocaria o graduando em contato direto com as necessidades e exigências do mercado de trabalho.

Até a presente data, a posição do COFECON é manter a Monografia como trabalho de conclusão de curso, e essa diretriz é a adotada conseqüentemente por todos os CORECONs regionais, onde se inclui o do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, a orientação da disciplina para a formação de “teóricos” ou “cientistas” vem sendo discutida pelo CORECON-RJ.

Lembremos que o mercado de trabalho se transforma incessantemente, sendo que é fundamental que nesse contexto o economista, enquanto profissional, possua uma dupla atribuição:

- Possuir os meios e instrumentos para pensar sobre essa realidade social em toda sua complexidade histórico-social a partir de uma perspectiva crítica e teórica;

- Participar como profissional inserido no mercado de trabalho, com o instrumental técnico e operativo necessário para atender as diversas solicitações do mercado de trabalho sobre essa formação profissional;

Assim, segundo Schumpeter (citado por Napoleoni, 1963), temos que a própria sociedade capitalista se estrutura a partir de inovações e mudanças, indicando que o profissional em Economia deve estar em condições de compreender essa realidade:

Segundo Schumpeter, o desenvolvimento econômico capitalista, que é gerado por processos inovadores, não se desenvolve de maneira contínua e uniforme, mas ocorre através de uma sucessão periódica de ciclos. O ciclo econômico, em outros termos, não é um aspecto acessório do capitalismo, mas, como Marx já tinha posto em evidência, o próprio modo pelo qual, nessa economia, se manifesta o desenvolvimento. (Napoleoni, 1963, p.50)

O momento é de debate, e a contextualização dessa discussão em um curso de Ciências Econômicas do Estado do Rio de Janeiro fornece elementos enriquecedores, pois faz uma apreciação das inquietações que são apresentadas pelos docentes da UFRRJ, refletindo uma experiência de formação profissional e acadêmica na atualidade.

Uma questão que pôde ser destacada a partir da análise das entrevistas é que existe uma tensão entre os interesses dos alunos e os dos professores, que dificulta o melhor andamento da disciplina Monografia como é ministrada atualmente.

Os alunos querem uma formação voltada para o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, o que exige uma preparação adequada, que seria fornecida pelo Estágio. Apontam também a necessidade de subsistência como um fator importante para o opção pelo Estágio²⁵.

As entrevistas realizadas com os docentes apontam principalmente dois aspectos justificam a permanência da disciplina Monografia:

- Desenvolver nos alunos uma reflexão mais teórica sobre o papel do economista e os problemas econômicos;

²⁵ Cabe destacar que o Alojamento da UFRRJ é o maior da América Latina, sendo que a maioria dos estudantes vem de outros estados, e mesmo de outros países. Então, mesmo com as bolsas de alimentação fornecidas pela Universidade, o estágio é uma forma de manutenção que acaba por se tornar quase que indispensável.

- Ressaltar a visão e o entendimento da universidade como um lugar único de reflexão teórica e plural.

Das sugestões para uma nova estruturação do currículo de Ciências Econômicas, destacamos as seguintes:

- a) A manutenção da disciplina Monografia;
- b) O Estágio Supervisionado com a apresentação de um relatório final;
- c) O aproveitamento da iniciação científica para os alunos que trabalham com pesquisa.

Nas dificuldades sobre como a disciplina vem sendo conduzida pelos docentes hoje, como analisadas no Capítulo 3 desta dissertação, uma que merece destaque é a que se refere à relação do orientador com o futuro economista, por dois motivos:

- O fato de a disciplina Monografia ser ministrada durante o último período, onde, como já foi apresentado, concentra uma atividade de pesquisa que poderia ser melhor consolidada ao longo do curso de graduação;
- O fato de a disciplina Monografia se constituir em uma atividade de pesquisa num período (semestre) em que, como foi citado pelo Prof. J, muitas vezes o aluno só de tem de cursar disciplina, sem horário fixo (como ocorre nas demais disciplinas), tendo que ir à Universidade para se encontrar com seu orientador, o qual precisa também estabelecer conciliar esse atendimento com suas outras atividades de docência.

Nesse sentido, é importante que existam, ao longo da graduação atividades afins de pesquisa e redação, para preparar o aluno para essa etapa da conclusão do seu curso de Ciências Econômicas.

Destacamos nesse sentido, que a própria disciplina Técnicas de Pesquisa em Economia tem sido subtilizada, segundo os relatos dos próprios docentes entrevistados; por isso, surge a sugestão institucional e pedagógica de se formar em duas disciplinas com o mesmo fim: Monografia 1 e Monografia 2.

É oportuno lembrar que recentemente foi feita na UFRRJ uma reformulação curricular cuja tônica foi estruturar a carga horária para os alunos terem mais possibilidades de estagiar. Também foram feitas algumas alterações quanto aos nomes e conteúdos das disciplinas. É importante ressaltar que a disciplina Monografia não foi, em momento algum, objeto de alteração, tanto na sua estrutura como na sua carga horária.

Isso promove uma reflexão importante pois, ao mesmo tempo em que se reconhecem dificuldades na aplicação da Monografia como atividade pedagógica, não se busca “extirpá-la” do currículo, ou seja, reconhece-se a sua importância. Isso fortalece a leitura de Silva (2000) de que o currículo possui um caráter de representação dos grupos sociais envolvidos em sua concepção:

As noções de discurso teria uma vantagem adicional. Dispensar-nos-ia o esforço de separar – como seríamos obrigados, se fôssemos limitados “a noção tradicional de teoria – asserções sobre a realidade, de asserções de como seria a realidade. Como sabemos, as chamadas “teorias do currículo”, assim como as teorias educacionais mais amplas, estão recheadas de afirmações sobre como as coisas deveriam ser. Da perspectiva da noção de discurso estamos dispensados, na medida em que tanto supostas asserções sobre a realidade, quanto asserções sobre como a realidade deveria ser, têm “efeitos de realidade” similares. Para dizer de outra forma, supostas asserções sobre a realidade acabam funcionando como se fossem asserções sobre como a realidade deveria ser. Elas tem o mesmo efeito: o de fazer com que a realidade se torne o que elas dizem que é ou deveria ser. (p.11-12)

Uma importante assertiva se revelou durante a análise das entrevistas é que tanto a Monografia quanto o Estágio Obrigatório possuem seus objetivos, suas justificativas metodológicas e ideológicas. Uma proposta que poderia ser melhor aprofundada e desenvolvida num futuro próximo é a do Prof. J, que afirma:

“A bolsa de iniciação científica é um instrumento legal, legítimo para você incentivar esse tipo de ação, e tem uma grande vantagem: é voluntário!! Quer dizer, eu não sei em que medida algumas posições compulsórias permitem alcançar um equilíbrio eficiente... Apesar de eu não ser um defensor do livre mercado, eu acho que a capacidade da pessoa escolher aquilo que quer fazer [...] quando eu falo, por exemplo, se a pessoa tivesse a opção, em vez da Monografia nós tivéssemos, como acontece na própria Rural, no Curso de Agronomia eles têm o que chamam de trabalho de conclusão de curso. O que é válido nesse trabalho? Pode ser uma monografia perante uma banca, pode ser um estágio supervisionado, pode ser uma bolsa de iniciação científica, porque o interesse maior da Universidade é formar o aluno...”

Estágio ou Monografia? Essa tensão está buscando combinar os dois aspectos dessa realidade, que não é apenas pedagógica, mas envolve o próprio conceito ou percepção de qual profissional está sendo formado ou pretende-se formar a partir dos próximos anos.

“Eliminar a monografia seria um retrocesso”, na visão do economista que neste estudo representa a visão do CORECON-RJ, a monografia representa a visão crítica do profissional sobre a realidade em que atua. É utilizado por Rafael Vieira mais um argumento: o aluno não aprende tudo na prática. É sua opinião que:

“A monografia continue sendo um instrumento capaz de formar o aluno graduando de economia nessa tendência de associar técnica à teoria, ou, como diz o mercado, ‘a realidade à vida acadêmica’, porque alguns pensam que a vida acadêmica não é a vida real, o que é um erro absoluto. A vida acadêmica quer de fato estabelecer que, na vida real, determinadas posturas devem ser tomadas, e a universidade é esse espaço muito plural, mas bastante homogêneo no sentido da formação, de priorizar a formação do profissional em Economia numa linha. O aluno não é obrigado a fazer tudo nas áreas específicas de formação, mas não dá para determinar que tão somente o Estágio, tão somente a Monografia, sejam capazes de estabelecer essa condição. Até parece que estou me contradizendo, mas não é não! Muitos no mercado associam o estágio a uma prática única e absoluta de formação, ‘Ah! Você vai aplicar o que aprendeu na prática!’. Isto, quando se trata de finanças, auditoria, etc, é óbvio. Agora, quando se trata de estudos de avaliação de dados, de formação para estabelecer comentários para modificar determinadas estruturas ou formas de gestão empresarial, isso você não vê numa prática!”.

A posição do CORECON-RJ é a de desenvolver um trabalho de parceria entre as instituições de ensino superior em Economia e os próprios graduandos, com o objetivo de enriquecer os debates sobre os rumos da formação profissional do próprio economista. Nas palavras de Rafael Vieira:

“Essa dualidade, fico eu aqui apresentando a você, que está sendo repensada, e o Conselho do Rio de Janeiro vem, dessa maneira, estreitando seus laços com as instituições de ensino, com o propósito de fazer do espaço CORECON-RJ um espaço de discussão desses assuntos no aspecto da formação, e apresentando cursos de formação quer no viés teórico quer no viés técnico. O que se precisa fazer de forma mais aguda é estar dentro das instituições, porque é mais fácil o CORECON-RJ estar nas instituições do que as instituições no CORECON-RJ. E a comissão com as instituições está provendo este cenário. E porque provendo? Porque nós temos um *site* que responde a dúvidas dos alunos no Rio de Janeiro, de todas as instituições, quer seja no ambiente virtual, ou no mais físico, o aluno vindo aqui. A abertura desse portal facilita essa aproximação, a idéia do perfil do economista, a legislação que rege a profissão, de como modo o mercado de trabalho está se configurando, o meio acadêmico ou o meio prático. Como no

caso da monografia, eles se somam, mas o CORECON-RJ e a comissão entende que a monografia é, desses dois, o instrumento que abrange de uma forma um pouco mais absoluta do que meramente o estágio. A idéia de apresentar cursos de requalificação, a forma de chegar junto ao funcionário do setor bancário para que ele venha à instituição, entenda que o espaço é de produção, do graduando ao profissional de mercado, é para gerar essa condição de haver o aperfeiçoamento de que toda e qualquer carreira necessita”.

O que ocorre é que, na verdade, existe uma tensão entre os desejos dos professores e as aspirações dos alunos. Juntamente com isso, existe a reflexão sobre quais são as características mais importantes para a formação do economista. Ficou claro a importância que os docentes do Departamento de Ciências Econômicas da UFRRJ e o próprio economista do CORECON-RJ atribuem à disciplina, a Monografia, para a formação desse profissional.

O que pode-se também inferir da última referência que fizemos à entrevista com Rafael Vieira é que o CORECON-RJ está atento à formação dos economistas e às transformações do mercado de trabalho, sendo o maior exemplo disso as propostas de transformações curriculares. Os cursos de requalificação também demonstram um pouco dessa realidade, de fornecer aos economistas essa oportunidade de atualizar sua formação.

Foi para o estudo da formação e da identidade do economista na atualidade que esta pesquisa procurou contribuir. Uma palavra-chave que nos ajuda a entender e fornece subsídios para a compreensão dessa problemática é a complementaridade das opiniões e sugestões.

É com o debate e a avaliação dos rumos que o curso de Ciências Econômicas vem trilhando ao longo dos anos que será possível buscar as melhores perspectivas para as mudanças curriculares, tornando-o mais dinâmico para atender às necessidades do mundo e da sociedade em que está inserido.